

**Recensão: Martha Tupinambá de Ulhôa, *Aspectos sobre a valsa no Rio de Janeiro no longo século XIX: De folhetins, música de salão e serestas* (Rio de Janeiro, Fólio Digital, 2022), 246 pp., ISBN: 9786586911336**

**Carlos Alberto Figueiredo, *O Orpheon Carlos Gomes 1897-1900: Uma sociedade musical na belle époque do Rio de Janeiro* (São Paulo, e-galáxia, 2022), 350 pp., ISBN: 9786587639734**

**David Cranmer**

CESEM/IN2PAST  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade NOVA de Lisboa  
[cranmer@netcabo.pt](mailto:cranmer@netcabo.pt)

**A** PUBLICAÇÃO, NO MESMO ANO, DE DOIS LIVROS excepcionais sobre a história da música no Rio de Janeiro merece, por si só, um tratamento excepcional. Os dois autores, Martha Ulhôa e Carlos Alberto Figueiredo, até à sua recente aposentação, eram docentes na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) – colegas e investigadores bastante experientes, mas muito diversos nas suas áreas de interesse. É esta combinação, de semelhanças e diferenças, e a enorme riqueza dos temas que abrangem, que me leva a recensear os dois volumes em conjunto.

Dadas as diferenças de interesses e personalidade dos autores, é pouco surpreendente que estes dois livros difiram fundamentalmente na abordagem aos respetivos temas escolhidos. Martha Ulhôa, cujas prioridades como investigadora se têm inclinado para a música popular e para os aspetos sociológicos e etnográficos da música, tendo escolhido um assunto vastíssimo – a valsa no Rio de Janeiro no longo século XIX – não teve outra opção senão *selecionar* diversos aspetos para estudo mais aprofundado. Assim, os capítulos do seu livro constituem uma série de ensaios distintos, embora com um fio condutor que leva o leitor de forma simples e natural de um texto para o seguinte. Pelo contrário, Carlos Alberto Figueiredo, maestro regente de coro, cujo trabalho musicológico se tem concentrado sobretudo na teoria e prática da edição crítica, identificou um objeto de estudo muito

específico: o Orpheon Carlos Gomes durante os quatro anos da sua breve existência. Esta opção permite um estudo mais «clássico» de ampla contextualização, constatação de factos e análise. O que se segue, portanto, é um breve resumo dos conteúdos de cada livro, com algumas observações, seguido por uma avaliação geral do modo como contribuem para os nossos conhecimentos sobre a história da música no Rio de Janeiro.

Como refere Maria Alice Volpe, logo no início do seu prefácio de *Aspectos sobre a valsa no Rio de Janeiro no longo século XIX: De folhetins, música de salão e serestas*, de Martha Tupinambá de Ulhôa, «Este livro vai te surpreender». Justifica-se um pouco adiante, explicando «porque este livro expressa o espírito inquieto de uma pesquisadora, para quem tão importante quanto os resultados – ou talvez até mais – são os caminhos percorridos pela pesquisa» (p. 9). Os capítulos, portanto, quebram o paradigma habitual, por serem ensaios/relatórios que levantam questões e esclarecem as metodologias seguidas subsequentemente para responder, bem como as dificuldades surgidas e ultrapassadas e os resultados atingidos, assumindo plenamente eventuais falhas.

De facto, o título do capítulo I, «À guisa de introdução: Entre o relatório de pesquisa e o ensaio», prepara-nos logo para a abordagem tomada ao longo do livro. Neste capítulo, a autora realiza as tarefas «clássicas» de levantamento da pouca literatura já existente e das fontes disponíveis (gravações fonográficas, para além de fontes escritas), bem como dos desafios que o objeto levanta, esclarecendo a natureza do objeto de estudo e identificando, a essa luz, as questões e assuntos a investigar. Tal como em todos os restantes capítulos, termina com as referências utilizadas.

O capítulo II começa com uma discussão sobre «musicologias», partindo de uma discussão atualmente mais ampla no Brasil, onde tradicionalmente o termo «musicologia» se limita ao que na Europa seria «musicologia histórica». Assim, no Brasil, fala-se cada vez mais de um leque de «musicologias» para referir campos e abordagens que, na Europa, seriam incluídos dentro do conceito lato da «musicologia». Tendo esclarecido a noção de uma «musicologia da escuta», Martha Ulhôa relata como a aplicou num seminário de pós-graduação, em que sobressaiu a audição de valsas selecionadas como metodologia de pesquisa.

O capítulo III constitui, de certa forma, o cerne deste livro. Como a própria autora explica, foi o colega Carlos Alberto Figueiredo que, numa mesa redonda no Encontro de Musicologia em Goiânia, em 2019, lhe propôs expandir num seminário de pós-graduação o trabalho que tinha desenvolvido acerca das metodologias a adotar ao explorar os jornais disponibilizados pela Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional do Brasil.<sup>1</sup> Este capítulo, portanto, conta o percurso do trabalho realizado com os alunos durante um seminário de pós-graduação, detalhando a pesquisa de dados

---

O autor segue o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* de 1990.

<sup>1</sup> Referido nos agradecimentos do seu livro (p. 9), assim como no prefácio que a própria Martha Ulhôa escreveu para o livro de Carlos Alberto Figueiredo (p. 15).

através dos jornais e, em particular, o processo de seleção que exigiu o número gigantesco de referências à valsa nos periódicos cariocas.

Os restantes capítulos debruçam-se sobre a valsa nos «folhetins de rodapé» do *Diário do Rio de Janeiro* (1821-1858) (cap. IV), Geraldo Antonio Horta: pianista, professor de piano e compositor de valsas de salão (cap. V) e sobre o modo como a valsa chegou a tornar-se um subgénero da modinha (cap. VI). O título do breve capítulo final, «*Post-scriptum*: avaliando o processo» torna manifesta a abordagem do livro todo – qualquer pedagogo digno dessa designação avalia o que faz. Assim, o conjunto de ensaios/relatórios que constituem este livro e o processo que os reuniu também têm de ser sujeitos a uma avaliação.

A abordagem de Carlos Alberto Figueiredo, em *O Orpheon Carlos Gomes 1897-1900: Uma sociedade musical na belle époque do Rio de Janeiro*, não poderia ser mais diferente. Se o livro de Martha Ulhôa apresenta sobretudo o fruto do seu trabalho com alunos de pós-graduação, o de Carlos Alberto Figueiredo constitui o fruto sobretudo das restrições impostas, no ano de 2020, pela primeira onda da Covid-19. Encontrando-se impossibilitado de trabalhar, não só na Faculdade, mas ainda como regente de coro, lançou-se num projeto de investigação possível sobretudo sem sair de casa – através da Hemeroteca Digital Brasileira.

Concebido em moldes «tradicionais», o seu estudo acaba por se tornar uma espécie de *tour de force* em termos da sua abordagem e rigor científico. Sem grandes teorizações ou problematizações, o autor estabelece o seu objeto de estudo (a atividade de um coro fluminense durante um período de quatro anos), lê a literatura pertinente sobre o assunto e sobre o seu contexto, estabelece a sua metodologia, pesquisa, reflete e escreve de uma maneira lógica e simples. Martha Ulhôa, no seu prefácio, encapsula o que está em jogo: «Impressionante a capacidade de organização de Carlos Alberto para construir uma narrativa clara e de fácil leitura a partir de uma quantidade tão grande de informações. Foram cerca de 600 recortes de jornal, de sete periódicos atuantes na década de 1890 no Rio de Janeiro, entre os quais 213 registros sobre o Orpheon Carlos Gomes» (p. 16).

A organização do texto possui uma coerência tão simples e «óbvia» que engana, pois apenas quem domina por completo o material sobre o qual trabalha consegue identificar os fios condutores que resultam em tamanha clareza. Tal é feito através de uma espécie de «filtragem»: uma contextualização cada vez mais focada, uma exposição dos factos encontrados sobre o objeto de estudo – que o autor nunca perde de vista – e uma análise sistemática e cuidadosa de tais factos, assim como as implicações da mesma. A problematização prévia mostra-se completamente desnecessária, uma vez que as questões pertinentes surgem naturalmente, sem necessidade até de as perguntar abertamente – o discurso segue a lógica de quem tem curiosidade em saber mais, de quem procura respostas, parando somente quando essa curiosidade encontra a satisfação.

Na Introdução, Carlos Alberto Figueiredo apresenta, por um lado, o Orpheon Carlos Gomes e, por outro, os periódicos no Rio de Janeiro na década de 1890, as exigências da pesquisa nos periódicos e os periódicos selecionados para este estudo. O capítulo I descreve o Rio de Janeiro do Orpheon Carlos Gomes – aspetos sobre o país e a cidade, como o Rio diferia de Paris, apesar de uma forte influência parisiense, e a atividade musical na capital federal na época em causa. O capítulo II dedica-se aos orfeões e coros, às origens do movimento orfeónico em França, ao seu impacto em Portugal e à atividade coral no Rio de Janeiro na década de 1890.

É nos capítulos III, IV e V, com as contextualizações já devidamente «arrumadas», que o autor analisa respetivamente, de forma sistemática, a atividade do Orpheon Carlos Gomes, a atividade do seu coro e a receção do Orpheon pela imprensa fluminense e pelo público. É aqui que se testemunha com particular intensidade o aproveitamento que Carlos Alberto Figueiredo faz dos recortes de imprensa disponibilizados pela Hemeroteca Digital Brasileira. No capítulo III expõe o leque de atividades realizadas no Orpheon Carlos Gomes: os chamados «concertos íntimos», realizados, à partida, mensalmente, os «concertos especiais» em maior escala, que ocorriam anualmente, récitas dramáticas, concertos especiais a convite de outras instituições e outros eventos. As atividades do coro ocupam o capítulo IV: os ensaios e aulas de solfejo, a participação do coro nos concertos íntimos e especiais, o repertório, a sua formação e uma secção dedicada aos regentes de coro e sua atividade na década de 1890. No capítulo V, o escritor explica como a imprensa procurava incentivar o Orpheon, para além de analisar de forma crítica a receção da imprensa em relação às atividades noticiadas por jornalistas que nem sempre estiveram presentes nos respetivos eventos. Este capítulo ilumina igualmente a única polémica que surgiu em alguns periódicos entre Adelina Lopes Vieira, Presidente do Orpheon Carlos Gomes, por um lado, e alguns comentadores na imprensa, por outro, esclarecendo alguns equívocos que parecem ter estado em jogo.

O que mais me impressionou ao longo da minha leitura de ambos os livros foi a autoridade com que os autores escrevem, por ser expressa de uma forma simples, modesta e natural. Maria Alice Volpe, no seu prefácio, refere a maturidade académica de Martha Ulhôa no seu reconhecimento da necessidade e utilidade de cada geração de musicólogos rever as premissas da disciplina (p. 15). A maturidade académica e pessoal é o que mais marca ambas as publicações, refletindo a experiência de dois percursos profissionais de enorme riqueza e marcados por constante reflexão. É isso que permite escrever, por um lado, com mestria, mas, por outro, com a modéstia que vem da percepção de que o máximo que cada investigador/autor pode fazer é *contribuir* para o conhecimento, deixando inevitavelmente falhas – lacunas e equívocos que ficam para as gerações vindouras resolverem e corrigirem.

Nenhum livro é perfeito. Há sempre algumas gralhas ou lapsos gráficos, por exemplo. Estas só foram mais perturbadoras em *O Orpheon Carlos Gomes*, onde, de vez em quando, citações mais extensas têm o formato do corpo do texto em vez de uma letra mais pequena num parágrafo indented.

Ambos os livros ganhariam bastante com um índice remissivo. Tal faria com que o leitor pudesse mais fácil e eficientemente aproveitar os conteúdos destes livros, sem necessidade de vasculhar, página após página, à procura de uma dada informação. Bem sei que é uma tarefa dura e ingrata a de preparar um índice remissivo, mas acho cada vez mais que um livro que não o inclui é um livro inacabado.

Em ambos os livros, sente-se constantemente que a própria música que os inspira nunca está longe – as audições que a Martha Ulhôa faz com os seus alunos, ou a peça coral de Alberto Nepomuceno que levou Carlos Alberto Figueiredo a embarcar no seu projeto. O discurso nunca se descola para uma musicologia estratosférica afastada da realidade musical. Os autores têm os pés firmemente no chão. As suas abordagens podem divergir até bastante, mas o objeto de estudo acaba por ser sempre o mesmo – a música e a atividade musical.

**David Cranmer** musicólogo anglo-português, é membro do CESEM, NOVA-FCSH, e do laboratório interuniversitário IN2PAST, bem como cofundador e coordenador do Caravelas – Núcleo de Estudos da História da Música Luso-Brasileira. Os seus diversos interesses de investigação incluem a música em Portugal e no Brasil desde o século XVIII até inícios do século XX, a catalogação de arquivos e bibliotecas musicais, o compositor luso-brasileiro Marcos Portugal, Camille Saint-Saëns e os Fêtes des Arènes, Béziers (1898-1926). Editor, autor ou co-autor de diversos livros, capítulos de livros, etc., é igualmente organista titular da Igreja Anglicana de St George, em Lisboa (1982-), e pianista. ORCID  <https://orcid.org/0000-0001-6537-5231>.

